

Exposição da intimidade no ciberespaço

Alessandra Marassi¹

Resumo: Este artigo objetiva analisar os processos de exposição da intimidade no ciberespaço e a velocidade na mudança de interesses por conteúdo das redes sociais digitais. Como objeto de estudo aponta-se o desejo do indivíduo em expor sua vida pessoal para espectadores conhecidos ou não presentes nas redes sociais como ferramenta de visibilidade. A metodologia adotada foi levantamento e pesquisa bibliográfica de conceitos discutidos por teóricos como (Sibilia) sobre a intimidade como espetáculo, (Levy) para definições do ciberespaço e (Recuero) para fundamentar as redes sociais na internet.

Palavras-chave: comunicação, cibercultura, exposição, intimidade, novas mídias.

Abstract: This paper aims to analyze the intimacy exposure process in cyberspace and the speed of change of interests for content that occurs in digital networks. The study object is the person's desire to expose his personal life to viewers, known or not present in these networks. The methodology adopted was bibliographic raising and research of concepts discussed theorists as (Sibilia) to discuss intimacy as spectacle, (Lèvy) for cyberspace definitions and (Recuero) for the social networks on internet.

Keywords: communication, cyberculture, exposure, intimacy, new medias.

Introdução

Este artigo procura refletir sobre o comportamento expositivo da vida pessoal nas redes sociais digitais baseado numa busca por visibilidade em tempos onde o interesse por conteúdos nesses ambientes apresenta um tempo de vida cada vez mais curto. Quais são os artifícios utilizados por adeptos dessa prática e como ocorrem as relações humanas e as reações do espectador presente nessas redes.

Fundamentados pelos estudos da cibercultura feitos por Lèvy e Recuero, pelo discurso da intimidade como espetáculo proposto por Sibilia e pelas teorias do agir

¹ Coordenadora do curso de Produção Multimídia da FAPCOM. Doutora e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Membro do grupo de estudos CCM – Comunicação e criação nas mídias, vinculado ao CNPQ, sob coordenação da Profa. Dra. Lucia Isaltina Clemente Leão.

comunicativo de Habermas, procuramos pensar as implicações nas relações humanas que interferem na percepção do mundo e na construção da autoimagem no ciberespaço.

Para concluir abordamos a citação de Paula Sibilia, que elucida as investigações sobre a alta exposição do que se considera íntimo e pessoal:

Ao longo da última década, a rede mundial de computadores tem dado à luz um amplo leque de práticas que poderíamos denominar “confidenciais”. Milhões de usuários de todo o planeta — gente “comum”, precisamente como eu ou você — têm se apropriado das diversas ferramentas disponíveis on-line, que não cessam de surgir e se expandir, e as utilizam para expor publicamente a sua intimidade. Gerou-se, assim, um verdadeiro festival de “vidas privadas”, que se oferecem despudoradamente aos olhares do mundo inteiro. As confissões diárias de você, eu e todos nós, estão aí, em palavras e imagens, à disposição de quem quiser bisbilhotá-las; basta apenas um clique do mouse (SIBILIA, 2008, p. 27).

Sibilia nos provoca uma reflexão em torno de como nossa vida está cada vez mais exposta para o mundo. A produção e o consumo de conteúdos inseridos na rede mundial de computadores vivem hoje uma exaltação do que é banal, com tempo de vida curto, portanto descartável. Esse movimento aponta dois lados distintos, um de lamentação pelo futuro da humanidade e outro como contraponto, o da capacidade criativa de alguns autores como forma de se manter em evidência.

Definições: Ciberespaço x Cibercultura

Antes mesmo de discutirmos a exposição da intimidade presente nas redes sociais utilizada como artifício para aumento da visibilidade e popularidade, é fundamental entender os conceitos e as definições de ciberespaço e cibercultura, como discute Pierre Lèvy (1999), em sua obra Cibercultura. Entende-se por ciberespaço a geografia ou o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores e de suas memórias, tendo como principal função o acesso a distância aos diversos recursos de um computador, podendo oferecer uma infinidade de potências em tempo real como processamentos, cálculos, informações, imagens e simulações. Essa definição difere-se do que se entende por cibercultura, que, por sua vez, está relacionada à forma de utilização e ao comportamento dos usuários no ciberespaço.

Cibercultura, por sua vez, parte do desenvolvimento do sistema digital universal como também da progressão de todos os elementos do ciberespaço, devido também à integração, à interconexão, ao estabelecimento de sistemas cada vez mais interdependentes, universais e transparentes. Para Lèvy (1999), a cibercultura existente

no ciberespaço surge a partir da desconexão de operadores sociais ou máquinas abstratas, a universalidade e a totalização. Esses dois conceitos surgiram unidos à invenção da escrita, pois a escrita não determina automaticamente o universal:

Grande parte das formas culturais derivadas da escrita tem vocação para a universalidade, mas cada uma totaliza sobre um atrativo diferente: as religiões universais sobre o sentido, a filosofia sobre a razão, a ciência sobre a exatidão reprodutível, as mídias sobre uma captação num espetáculo siderante, batizado de “comunicação”. Em todos os casos, a totalização ocorre sobre a identidade da significação (LÉVY, 1999, p. 119).

Partindo para a definição de cibercultura, podemos entender como sendo uma forma sociocultural espelhada na relação de trocas entre a sociedade, englobando a cultura e as novas tecnologias, cujas comunidades atuam como propulsoras da popularização da internet e de outras tecnologias. O conceito de cibercultura também se relaciona com uma comunicação mais flexível e fluídica de cooperação e compartilhamento, que permite emitir e receber informações produzindo conteúdo.

Como ponto principal e determinante de diferenciação das mídias convencionais, em que o sistema de produção e distribuição da informação segue o modelo de um para todos no qual apenas um ou poucos indivíduos são os responsáveis por produzir e enviar informações; no ciberespaço, a relação com o outro é amplificada no contexto de todos para todos, onde todos podem emitir e receber informações de qualquer lugar do mundo.

Avançando nesse conceito, pode-se dizer que a cibercultura transformou a maneira de compreender as relações tecnológicas que se estabelecem na sociedade. É um espaço de comunicação, uma migração do mundo real para o imaginário, que possibilita aos indivíduos a criação e recriação do seu próprio espaço social.

As formas de organização das redes sociais digitais

É possível notar que a forma com que as pessoas se organizam em uma rede social e o modo com que interagem entre si têm sofrido mudanças contínuas trazendo à tona transformações, devido à penetração das tecnologias digitais na sociedade.

Para tratar as diferentes formas de organização, podemos apontar:

Redes sociais centralizadas: toda a informação passa por um dos nós da rede (o centro) para, então, poder ser distribuída para os demais nós, respeitando o modelo de broadcasting. Aqui o poder de controle e distribuição da informação é concentrado na fonte emissora.

Redes descentralizadas: funcionam como várias redes centralizadas conectadas entre si, na qual vários nós centralizam e distribuem a informação. É uma rede com vários centros, sendo que a maior parte das organizações como governo e empresas funciona nesse modelo. Ou seja, estes centros localizados na rede conectam-se a outros centros, mantendo o controle da informação e o compartilhamento para centros menores.

Redes distribuídas: neste tipo de rede não existem centros ou o que chamamos de nó (hubs) da rede pode receber e disseminar a informação para qualquer outro nó. Nesse caso, o poder e o controle são distribuídos pelos nós tendo como característica que ninguém é dono da rede.

As redes sociais distribuídas apresentam alguns fenômenos típicos como o agrupamento (clusters), o enxameamento (swarming) e a auto-regulação emergente, colaboração em grande escala (cloudsourcing). Tais fenômenos principais são considerados emergentes, de auto-organização do sistema rede e estão diretamente vinculados ao grau de distribuição da conexão, à quantidade de pessoas e à quantidade de pessoas em processos de comunicação.

Uma das dinâmicas das redes sociais distribuídas é que os fenômenos que ocorrem nesses ambientes estão formados a partir de um padrão, ou seja, o conjunto de pessoas é organizado. As dinâmicas de interação estão envolvidas basicamente em cooperação, competição, luta social e conflito, hostilidade, antagonismo e adaptação. Esses elementos de comportamento causam impacto na rede de diferentes maneiras.

Cooperação, composição e adaptação, por exemplo, contribuem para reforçar a estrutura da rede. A adaptação dos indivíduos inseridos na rede está relacionada às mudanças que ocorrem e ao que emerge. O conflito por sua vez, enfraquece a rede. A competição interna pode desgastar as relações, contudo a competição externa tem um efeito de fortalecer a rede, mobilizando as pessoas para um objetivo competitivo.

E como funcionam os Hubs nas redes sociais? Os Hubs atuam como conectores de pessoas que possuem alto nível de conexão. São os conhecidos pontos de afluência das conexões na rede, os entroncamentos de fluxos. Um Hub pode ser uma pessoa com notoriedade e popularidade. Pode também ser uma pessoa com perfil diferente, ou seja, alguém com muitas relações e que pode acessar ou ser acessado por outros hubs sem a necessidade de mediação. Em suma, é uma pessoa que possui valioso reconhecimento social dentro da rede.

Como ações características das redes sociais com comunicação mediada pela internet, podemos apontar as conexões dos integrantes ponto a ponto, o surgimento de

comunidades por afinidade como os clusters, fluxo livre da comunicação entre os integrantes, comunicação multidirecional, a reedição autônoma e voluntária da informação, audiências ativas, o fenômeno da emergência e as relações laterais.

As interações humanas das redes sociais

Entender como funcionam às dinâmicas das redes sociais na internet começa por entendermos que tais processos dinâmicos estão diretamente ligados às interações entre os indivíduos assim como com sua emergência. A emergência é uma característica marcante das redes sociais, pois envolve o aparecimento de padrões de comportamento em larga escala e estas dinâmicas sociais podem ser construídas de forma coletiva. Ou seja, a emergência aparece com o surgimento de comportamentos coletivos não centralizados.

Algumas das redes digitais disponíveis no ciberespaço adotam o sistema de programação de quanto mais conteúdo é publicado, mais visibilidade se tem. Funciona assim, mas não somente, com o Twitter e Facebook, por exemplo. Essa dinâmica é utilizada por autores ou indivíduos como ferramenta para estar cada vez mais em evidência e assim acaba por surgir uma competição não declarada entre estes indivíduos. Uma publicação pessoal relevante aos demais integrantes da rede gera maior número de compartilhamento e comentários, aumentando assim a exposição e abrangência desse conteúdo. Uma pessoa considerada “relevante” nas redes sociais digitais é aquele que tem por característica a habilidade em conquistar maior interação e engajamento a partir de suas publicações. Este indivíduo adquire uma visibilidade maior que aqueles que não são considerados tão relevantes para os sistemas computacionais das redes.

Os padrões de interação entre indivíduos presentes nas redes sociais mediadas por computador são claramente definidos por Raquel Recuero em sua obra:

As pessoas adaptaram-se aos novos tempos, utilizando a rede para formar novos padrões de interação e criando novas formas de sociabilidade e novas organizações sociais. Como essas formas de adaptação e auto-organização são baseadas em interação e comunicação, é preciso que exista circularidade nestas informações, para que os processos sociais coletivos possam manter a estrutura social e as interações possam continuar acontecendo (RECUERO, 2009, p. 89).

A comunicação mediada por computador acaba por modificar a sociabilidade de grupos expressos na internet. O uso de redes sociais na internet não para de crescer em

todo o mundo e, com isso, a comunicação também aumenta sua importância nas relações intersociais.

Exposição da intimidade no ciberespaço: uma busca por visibilidade

Para analisar a exposição da intimidade na internet, podemos ao menos tentar responder a dois questionamentos: por que queremos ser vistos? Será que nossa intimidade foi banalizada com a expansão da comunicação na internet? Como já abordado neste artigo, a busca por visibilidade utilizada para divulgar ações cotidianas diárias como dispositivo comunicacional e de interação ocasiona a alta exposição da vida privada. Esse fenômeno, por sua vez, não está ligado a uma preocupação em torno da segurança, privacidade ou mesmo reputação. Os autores desejam que outros saibam da sua vida, a fim de participar e pertencer a grupos sociais também na vida fora das redes digitais.

Utilizar-se das redes digitais para comunicar cada semana da gestação, a foto do bebê feita por meio de ultrassom, o dia do nascimento, ou ainda viagens e lugares visitados, o prato escolhido no cardápio, o clima; a situação conjugal, onde mora ou trabalha, os diversos tipos de sentimentos, entre tantas outras situações, são momentos da vida antes considerados e zelados em nome da privacidade, agora são matéria-prima para a conquista da popularidade nas relações sociais na internet.

De um lado, aparentemente não é visível a preocupação com a exposição exagerada, mas nota-se um cuidado com o que se publica nas redes sociais. Um exemplo disso é a prática dos famosos “check-ins” como ferramenta para comunicar lugares frequentados. Os indivíduos adeptos desta prática frequentemente fazem o check-in em aeroportos, restaurantes caros ou badalados, atividades culturais, shows internacionais, bares e até local de trabalho. Há aqui o incentivo à competição para conquista de um status virtual como “prefeito” de um determinado restaurante para obter benefícios como descontos ou bebidas.

Contudo, não inexistente, mas é raro ver pessoas fazendo o check-in em rodoviárias, restaurantes e bares baratos ou lugares dos quais não contribuirão positivamente para a imagem social ou pertencimento a grupos de interesse.

Identities valorizadas

Na internet, para interagir com outras pessoas presentes nas redes, é necessário criarmos nossa própria identidade virtual. Em uma sociedade líquido-moderna, cujas realizações individuais não podem solidificar-se em posses permanentes, pois, em um piscar de olhos, os ativos se transformam em passivos, e as capacidades, em incapacidades. As condições de ação e as estratégias de reação envelhecem rapidamente e se tornam obsoletas antes de os atores terem uma chance de aprendê-las efetivamente (BAUMAN, 2001). Como solidificar sua identidade numa sociedade fluida e composta por múltiplas redes? Que opções fazer se essas redes se fazem e se desfazem a vontade da trama social?

Segundo Bauman (2001), uma das características da sociedade líquido-moderna, é que as condições em que vivem seus membros mudam muito rapidamente sem que se tenha tempo para absorver novos hábitos com esta mudança. Tudo na internet e, principalmente, nas redes sociais, digamos “modinhas”, assuntos do momento ou “virais” passam muito rapidamente, sem que seja efetivamente solidificado. A velocidade da informação é o que importa, e não a duração em que ela fica em evidência. Essa efemeridade de agir e definir uma identidade transportou-se também para os comportamentos e processos de comunicação das redes sociais. Como se manter sempre em evidência em tempos onde a mudança no interesse por determinado conteúdo apresenta uma velocidade vertiginosa presente na sociedade líquido-moderna? É preciso dotar-se de criatividade e informação de forma contínua e perene, pois o tempo da cibercultura é acelerado onde as ações podem acontecer sem a necessidade de sair de um lugar e estar presente em outro.

Em uma sociedade midiaticizada e envolvida com a incitação à visibilidade, percebe-se uma mudança de uma subjetividade interiorizada para uma personalidade orientada para a exibição em telas e para o olhar alheio. A necessidade de aparecer e de ser vista, pode receber como prêmio a popularidade e o aumento das relações sociais na internet.

Considerações finais

Identidades virtuais individualizadas e em constante conexão interagem entre si dentro de grupos de interesses nas redes. Esse processo é de certa forma importante para que seja possível se beneficiar do valor da exposição. Quem é visto é lembrado. Quem

não realiza algum grau de exposição e não pode ser encontrado por meio dos mecanismos de busca existentes na internet, este indivíduo simplesmente “não existe”.

A distribuição e fluidez das informações entre os grupos sociais das redes digitais contribuem para a construção de valores e para a geração de novos outros tipos de grupos. Pertencer a um grupo é ponto-chave no comportamento do ser humano, que possui sua dose de narcisismo; o ser humano adora um espelho. Partindo para a reflexão deste comportamento, é possível notar claramente nas redes dos dias de hoje que publicar eventos sensacionais da vida como um jantar com amigo no Rascal, as férias na Disney ou a festa de aniversário comemorada na praia de Ipanema é sempre agradável ao ego e à imagem social. Ninguém deseja, porém, compartilhar ou publicar em seus perfis da rede que o emprego não vai bem, que está acima do peso ou ainda que esteja devendo ao banco. Os grupos sociais valorizam o status, os acontecimentos de prazer, os eventos de destaque e as belezas da vida. Muitas vezes quem menos se espera ou se lembra tem alguma informação recente sobre sua vida, algo que foi publicado no Facebook, em blogs, no Instagram, no Twitter ou em qualquer outra rede de relacionamento digital, sem que se perceba isso.

É prazeroso ver que uma publicação feita causou um número alto de comentários, likes e compartilhamentos. É assim que a intimidade passa a ser o espetáculo de uma vida não tão privada. Este espetáculo, em alguns casos, vai além-vida nas homenagens e mensagens deixadas em perfis de pessoas que já se foram.

Este artigo não adota nenhuma posição de crítica ou apoio às práticas de exposição da vida íntima. O objetivo principal é o de analisar tais práticas e de responder ao questionamento inicial sobre a postura dos usuários adeptos. O que se pode notar nas redes digitais, principalmente no Instagram, é que os espectadores, por sua vez, curtem e compartilham o conteúdo íntimo da vida de outros sem apresentar qualquer incômodo. Percebe-se que tais conteúdos passaram a ser “normais” e corriqueiros das interações no ciberespaço.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.
SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.